

TONY E SUSAN

AUSTIN WRIGHT

Tony e Susan

TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO



Copyright © Austin Wright, 1993
Primeira publicação por Atlantic Books, Ltd.

TÍTULO ORIGINAL
Tony and Susan

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro
Juliana Romeiro

REVISÃO
Rodrigo Rosa de Azevedo
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

DESIGN DE CAPA
Jon Gray

ADAPTAÇÃO DE PROJETO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NÁ-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
W933t

Wright, Austin McGriffert, 1922-
Tony & Susan / Austin Wright ; tradução de Rubens
Figueiredo. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

336 p. ; 23 cm
Tradução de: Tony & Susan
ISBN 978-85-8057-066-3

1. Ficção americana. I. Figueiredo, Rubens, 1956-. II.
Título. III. Título: Tony e Susan.

11-3733.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

ANTES

Tudo começou com a carta que Edward, o primeiro marido de Susan Morrow, mandou para ela em setembro passado. Ele tinha escrito um livro, um romance, e perguntava se ela não gostaria de ler o manuscrito. Susan ficou espantada porque, exceto pelos cartões de Natal enviados pela segunda esposa dele, assinados com a palavra “Amor”, fazia vinte anos que não recebia notícias de Edward.

Então tentou trazê-lo de volta à memória. Lembrava-se de que ele queria escrever contos, poemas, crônicas, qualquer coisa que envolvesse palavras, lembrava-se disso muito bem. Foi a principal razão dos problemas entre os dois. Mas achava que Edward havia desistido de escrever quando entrou para o ramo dos seguros. Evidentemente não foi o que aconteceu.

Nos tempos irrealis do casamento deles, havia a questão de decidir se ela devia ou não ler o que ele escrevia. Ele era um iniciante e Susan, uma crítica mais severa do que pretendia ser. Era uma situação delicada, o constrangimento dela, a mágoa dele. Agora, em sua carta, ele dizia: dane-se! este livro é bom de verdade. Tinha aprendido muita coisa sobre a vida e sobre o ofício da escrita. Queria mostrar para ela, queria que ela lesse, visse e julgasse por si mesma. Susan era a melhor crítica que ele já tivera, disse Edward. Podia ajudá-lo também, pois, a despeito de todos os seus méritos, ele receava que ainda faltasse algo ao romance. Ela saberia, e poderia indicar a ele. Não tenha pressa, disse Edward, rabisque algumas palavras, qualquer coisa que vier à cabeça. Assinado: “Seu velho Edward, que ainda a tem na lembrança.”

A assinatura irritou Susan. Trazia muita coisa a sua memória e ameaçava a paz que ela havia selado com o próprio passado. Não gostava de

lembrar nem de escorregar de volta para aquele desagradável estado mental. No entanto, respondeu-lhe que enviasse o livro. Sentiu-se envergonhada de suas desconfianças e objeções. Por que ele pediria aquilo a ela em vez de procurar algum conhecido mais recente? A imposição, como se escrever qualquer coisa que viesse à cabeça fosse mais fácil do que pensar a fundo nas questões. Todavia, ela não podia se negar, daria a impressão de que ainda vivia no passado. O embrulho chegou uma semana depois. Sua filha Dorothy o levou para a cozinha, onde todos estavam comendo sanduíches de manteiga de amendoim, Susan, Dorothy, Henry e Rosie. Estava lacrado com muitas fitas adesivas. Susan retirou o manuscrito do pacote e leu o título na primeira página:

ANIMAIS NOTURNOS

Romance de
Edward Sheffield

Bem datilografado, páginas limpas. Ela tentou imaginar o que o título significava. Apreciou o gesto de Edward, conciliador e lisonjeiro. Estava com uma sensação furtiva que a deixava em guarda, de modo que quando Arnold, seu marido de fato, chegou a casa naquela noite, Susan declarou sem temor: Hoje recebi notícias de Edward.

Que Edward?

Arnold...

Ah, Edward. Sei. O que aquele velho sacana tem a dizer sobre si mesmo?

Aquilo tinha ocorrido havia três meses. Na mente de Susan há uma preocupação que vai e vem, algo difícil de identificar com precisão. Quando não está preocupada, ela se preocupa em não se esquecer daquilo com que anda preocupada. E quando sabe com o que anda preocupada, como por exemplo, será que Arnold compreendeu o que ela quis dizer, ou o que será que ele quis dizer quando falou aquilo naquela manhã, mesmo nessas horas Susan tinha a sensação de que, na verdade, era alguma outra coisa, algo mais importante. Enquanto isso, ela cuida da casa, paga as contas, faz a limpeza e cozinha, toma conta dos filhos, dá aulas três vezes por semana na faculdade da comunidade, e o marido conserta corações no hospital. De noite, Susan lê; prefere isso a ver televisão. Lê a fim de afastar seus pensamentos de si mesma.

Susan está interessada no romance de Edward porque gosta de ler e está propensa a acreditar que ele pode se aprimorar, mas adiou a leitura durante três meses. Não foi intencional. Colocou o manuscrito no armário e esqueceu, e depois só lembrava nas horas erradas, quando estava fazendo compras ou levando Dorothy de carro para a aula de equitação ou corrigindo e avaliando trabalhos dos alunos do primeiro ano. Nas horas em que estava livre, ela esquecia.

Quando não esquecia, tentava limpar a mente a fim de ler o romance de Edward da forma como ele merecia. O problema eram as lembranças antigas, que voltavam como um velho vulcão, cheio de estrondos e tremores. Toda aquela intimidade abandonada, o conhecimento já antigo e superado que Edward tem a respeito dela, e que Susan tem a respeito dele. As lembranças de Susan da admiração que ele tinha por si mesmo, sua vaidade, e também seus temores — sua pequenez —, um conhecimento que ela precisava ignorar, se quisesse fazer uma leitura imparcial. Susan estava decidida a ser imparcial. Para isso, tinha de rejeitar suas lembranças e fazer de conta que ela mesma era uma estranha.

Não conseguia acreditar que ele queria apenas que ela lesse o livro. Devia haver algo de pessoal, alguma nova guinada no já morto caso de amor entre os dois. Tentou imaginar o que Edward achava que estava faltando no romance. A carta sugeria que ele não sabia, mas Susan imaginou se não haveria uma mensagem secreta: Susan e Edward, uma sutil canção de amor? Que diz: leia isto e, quando estiver procurando o que falta, encontre Susan.

Ou o ódio, o que parecia mais provável, embora eles tivessem se livrado daquilo havia séculos. Se ela fosse o vilão da história, o que faltava seria um veneno para lamber, como a maçã muito vermelha da Branca de Neve. Seria bom saber até que ponto, na verdade, a carta de Edward era irônica.

Mas, embora ela se preparasse, acabava sempre esquecendo, não lia e com o tempo passou a acreditar que sua falha era um fato consumado. Isso a tornava ao mesmo tempo receosa e envergonhada, até que recebeu um cartão de Stephanie alguns dias antes do Natal, acompanhado por um bilhete de Edward. Ele estará em Chicago, dizia o bilhete, em 30 de dezembro, só por um dia, irá se hospedar no hotel Marriott e espera poder ver Susan. Ela ficou alarmada porque ele ia querer conversar a respeito do manuscrito que ela não tinha lido, e logo ficou aliviada ao se dar conta de que ainda havia tempo. Depois do Natal: Arnold, seu marido, estaria em um congresso de cirurgiões cardíacos por três dias. Susan poderia ler o livro nesse tempo. Ia ocupar sua mente, uma boa distração para a viagem de Arnold, e afinal ela não tinha do que se sentir culpada.

Imaginando o encontro, ela se pergunta qual será a aparência de Edward agora. Lembra-se dele louro, com jeito de pássaro, olhos que miram por cima de seu nariz semelhante a um bico, incrivelmente magro, com braços ossudos e cotovelos pontudos, os órgãos genitais desproporcionalmente grandes no meio dos ossos. Sua voz tranquila, as palavras sucintas, impaciente como se achasse que a maior parte do que era obrigado a falar era tolo demais para se dizer.

Será que ele está com um aspecto mais grave ou mais pomposo? Provavelmente engordou e seu cabelo deve estar grisalho, a menos que tenha ficado careca. Ela se pergunta o que ele vai achar dela. Gostaria que ele percebesse como ela havia ficado mais tolerante, mais despreocupada e generosa, e quanto ela havia aprendido. Susan receia que ele fique chocado com a diferença entre 24 e 49 anos. Ela trocou de óculos, mas no tempo de Edward ela nem usava óculos. Está mais rechonchuda, os seios estão maiores, as faces, rosadas onde antes eram pálidas, convexas onde antes eram côncavas. O cabelo, que no tempo de Edward era comprido, liso e sedoso, agora é curto e bem cuidado e está ficando grisalho. Ela ficou saudável e bem-disposta, e Arnold diz que ela parece uma esquiadora escandinava.

Agora que vai de fato ler o livro, se pergunta que tipo de romance será. É como viajar sem saber para que país se está indo. O pior é se for muito mal-escrito, o que poderia vingá-la pelo passado, mas agora a deixaria numa situação embaraçosa. Mesmo se o livro não for muito mal-escrito, existem outros riscos: uma viagem profunda através de uma mente estranha, sendo obrigada a examinar símbolos mais significativos para outras pessoas do que para ela, confinada com estranhos que ela jamais escolheu, solicitada a participar de costumes alheios. Com Edward como guia, de cujo domínio, no passado, ela tanto lutou para fugir.

As possibilidades negativas são enormes: ficar entediada, ficar ofendida, inundada de sentimentalismo, aturdida pela depressão e pela tristeza. O que será que interessa Edward aos 49 anos? Ela tem certeza apenas daquilo que o romance não vai ser. A menos que Edward tenha mudado radicalmente, não será uma história de detetive, uma história de beisebol nem uma história de faroeste. Não vai ser uma história de sangue e vingança.

O que resta? Ela vai descobrir. Ela começa na segunda-feira à noite, um dia depois do Natal, após a partida de Arnold. E vai levar três noites para terminar de ler o livro.

A PRIMEIRA SESSÃO DE LEITURA

UM

Naquela noite, assim que Susan Morrow se instala para ler o manuscrito de Edward, um medo a atinge como uma bala. Começa com um momento de intensa concentração, que desaparece depressa demais para ela lembrar, deixando um vestígio de temor inespecífico. Perigo, ameaça, desastre, ela não sabe o que é. Tenta recuperar o que estava em sua mente, pensa de novo na cozinha, nas panelas e nos utensílios culinários, no lava-louça. Depois respira fundo no sofá da sala, onde ela teve o pensamento perigoso. Dorothy, Henry e Mike, um amigo de Henry, estão jogando Banco Imobiliário no chão do escritório. Ela recusa o convite para jogar com eles.

Há uma árvore de Natal, cartões sobre o consolo da lareira, jogos e roupas com papel de seda sobre o sofá. Uma bagunça. O trânsito na O'Hare Street ressoa de leve dentro da casa, Arnold agora está em Nova York. Incapaz de recordar o que a deixou assustada, Susan tenta ignorar aquilo, apoia as pernas na mesinha de centro, dá uma baforada nos óculos e limpa as lentes.

A preocupação em sua cabeça persiste, é maior do que ela consegue explicar. Teme a viagem de Arnold, se é que se trata disso, como se fosse o fim do mundo, mas não encontra razão lógica para tal sentimento. Acidente de avião, mas os aviões não caem assim. O congresso parece algo inofensivo. As pessoas vão reconhecê-lo ou ver seu crachá. Como de costume, ele vai ficar lisonjeado ao descobrir como é importante, o que o deixará no melhor estado de espírito possível. Se aquela entrevista para conseguir um cargo num instituto de pesquisas cardíacas não der em nada, não fará mal algum. Se por um acaso muito improvável a entrevista der certo, há toda uma nova vida à sua frente e a oportunidade de ir morar em Washington, se ela quiser. Ele está com colegas

e profissionais experientes, pessoas em quem ela devia confiar. Na certa está apenas cansada.

No entanto, Susan adia a leitura de Edward. Lê coisas breves, o jornal, editoriais, palavras cruzadas. O manuscrito resiste, ou ela resiste, com medo de começar, receosa de que o livro a faça esquecer seu perigo, o que quer que seja ele. O manuscrito é tão pesado, tão comprido. Livros sempre resistem a Susan no início, porque tomam muito tempo. Podem sepultar o que ela estava pensando, às vezes para sempre. Ela poderia ser uma pessoa diferente em função de tudo aquilo que passou. Esse caso é pior que o habitual, porque a volta de Edward à vida traz novas distrações que nada têm a ver com os pensamentos de Susan. Ele é perigoso também, descarregando seu cérebro na frente dela, a bomba que há dentro dele. Deixe para lá. Se ela não conseguir lembrar seu problema, o livro irá toldá-lo. Depois Susan não vai querer mais parar. Abre o pacote, olha para o título — *Animais noturnos*. Ela vê, ao entrar na casa no zoológico, pelo túnel, tanques de vidro sob a luz púrpura embaçada com estranhas criaturazinhas agitadas, de orelhas enormes e olhos esbugalhados, pensando que o dia é a noite. Vamos lá, comecemos.

Animais noturnos 1

Havia um homem, Tony Hastings, sua esposa Laura e sua filha Helen, que viajavam para leste à noite na rodovia interestadual no norte da Pensilvânia. Estavam no início das férias, iam para o chalé de veraneio no Maine. Viajavam à noite porque começaram a viagem devagar e pouco depois se atrasaram, pois tiveram de trocar um pneu no meio do caminho. Foi ideia de Helen, quando eles entraram no carro depois do jantar, em algum lugar no leste de Ohio:

— Não vamos procurar um motel para passar a noite, vamos viajar a noite inteira.

— Está falando sério? — perguntou Tony Hastings.

— Claro, por que não?

A sugestão violava o sentido de ordem de Tony e perturbava seus hábitos. Era um professor universitário de matemática que se orgulhava da segurança e do bom senso. Tinha parado de fumar seis meses antes, mas às vezes ainda levava um cachimbo na boca pela segurança que isso transmitia. Sua primeira reação àquela sugestão foi dizer não seja idiota, mas suprimiu

a frase, desejoso de ser um bom pai. Considerava-se um bom pai, um bom professor, um bom marido. Um bom homem. No entanto, também sentia uma afinidade com caubóis e jogadores de beisebol. Nunca tinha andado a cavalo e desde a infância não jogava beisebol, e não era muito grande nem forte, mas tinha um bigode preto e se considerava tranquilo. Em resposta à ideia de férias e à liberdade de uma rodovia à noite, à travessura repentina que aquilo implicava, ele se viu liberado por força da ausência da responsabilidade de ter de procurar um lugar para se hospedar, parar diante dos letrados, chegar diante de balcões de recepção e perguntar se havia quartos disponíveis, se viu também estimulado pela ideia de dirigir noite adentro, deixando seus hábitos para trás.

— Está disposta a revezar a direção comigo às 3 da madrugada?

— A qualquer hora, pai, a qualquer hora.

— O que você acha, Laura?

— Não vai ficar cansado demais de manhã?

Ele sabia que a noite exótica seria seguida por um dia horroroso e que ia se sentir péssimo, tentando não pegar no sono de tarde e fazendo força para reconduzir a família para o horário normal de atividades, mas ele era um caubói de férias e aquela era uma boa hora para ser irresponsável.

— Está bem — disse ele. — Vamos lá.

Então lá foram eles, correndo pela rodovia interestadual naquela noite de junho que caía lentamente, passando por cidades industriais, inclinando-se de leve em alta velocidade nas curvas e nas ladeiras compridas, descendo e subindo pela zona rural, enquanto o sol afundava às suas costas e refletia nos vidros das casas de fazenda no meio dos pastos de capim alto à frente. A família de três pessoas estava em êxtase por causa da novidade, exclamavam uns para os outros elogios à beleza da zona rural na hora do pôr do sol, os raios de sol desaparecendo, com os campos amarelos, as matas verdes e todas as casas matizadas e modificadas por um brilho ambíguo, e a pavimentação da estrada também ambígua, prateada no espelho e preta na frente.

Pararam para reabastecer no crepúsculo, e, quando voltaram à rodovia, o pai Tony viu um rapaz andrajoso pedindo carona parado no acostamento da ladeira que subia mais à frente. Ele começou a acelerar o carro. O caroneiro tinha uma tabuleta na mão: BANGOR, MAINE.

A filha Helen gritou no ouvido do pai:

— Ele vai para Bangor, pai. Vamos levá-lo.

Tony acelerou mais. O caroneiro estava de macacão e tinha os ombros nus, barba amarela e comprida e uma fita em volta do cabelo. Os olhos do homem se fixaram em Tony quando o carro passou.

— Ah, papai.

Ele olhou por cima do ombro para ver se tinha caminho livre para retomar a autoestrada.

— Ele ia para Bangor — disse ela.

— E você quer a companhia dele durante 12 horas?

— Você nunca para o carro para os caroneiros.

— Desconhecidos — disse ele, no intuito de advertir a filha a respeito dos perigos do mundo, mas soando apenas como um sujeito metido a besta.

— Certas pessoas não têm a mesma sorte que a gente — disse Helen. — Você não se sente culpado por ter deixado o homem para trás?

— Culpado? Eu não.

— A gente tem um carro. A gente tem espaço. A gente está indo na mesma direção.

— Ah, Helen — disse Laura. — Não seja infantil.

— Meus colegas pegam carona quando voltam do colégio para casa. O que eles iriam fazer se todo mundo fosse que nem vocês?

Um período de silêncio. Helen disse:

— Aquele cara não tinha nada de mais. A gente percebe logo, é só olhar para ele.

Tony ficou admirado ao lembrar-se do homem andrajoso.

— Aquele cara que queria vir com Bangor para cima de mim?

— Pai!

Ele se sentiu atrevido na noite que crescia, exploratório, o desconhecido.

— Ele tinha uma tabuleta na mão — disse Helen. — Foi uma gentileza dele, um jeito de mostrar boa educação. E tinha também um violão. Vocês não repararam no violão?

— Não era um violão, era uma metralhadora — disse Tony. — Todos os criminosos levam suas metralhadoras em caixas de instrumentos musicais para se fazerem passar por músicos.

Sentiu na nuca o toque da mão de Laura, sua esposa.

— Pai, ele parecia até Jesus Cristo. Não viu o rosto nobre que ele tinha? Laura riu.

— Todo mundo com barba comprida parece Jesus Cristo — disse ela.

— É exatamente o que eu quero dizer — falou Helen. — Se tem barba comprida é porque ele é um cara legal.

A mão de Laura na nuca, e no meio estava Helen, debruçada para a frente no banco de trás, com a cabeça encostada no espaldar do banco dianteiro, entre o pai e a mãe.

— Pai?

— Sim?

— Foi uma piada indecente aquilo que você falou agora há pouco?

— Do que você está falando?

Nada. Seguiram em frente e em silêncio no escuro. Mais tarde a filha Helen cantou músicas de colônias de férias e a mãe Laura se uniu a ela na cantoria, e até o pai Tony, que jamais cantava, contribuiu fazendo uma voz de baixo, e assim eles levaram sua música ao longo da vasta e vazia estrada interestadual que entrava na Pensilvânia, enquanto a cor se adensava e se fechava na escuridão.

Logo a noite havia caído de todo e Tony Hastings dirigia o carro sozinho, nenhuma voz agora, só o rugido do vento que encobria o rugido do motor e dos pneus, enquanto a esposa Laura ficava em silêncio no escuro a seu lado e a filha Helen estava fora de vista no banco de trás. Não havia muito trânsito. Os faróis eventuais na pista de sentido contrário piscavam entre as árvores que separavam as duas pistas. Às vezes os faróis subiam ou baixavam, quando as pistas divergiam. Na faixa onde ele estava, às vezes ultrapassava as luzes vermelhas de alguém à sua frente e de vez em quando apareciam faróis no espelho retrovisor e um carro ou um caminhão alcançava o carro deles, mas durante longos trechos não havia absolutamente ninguém à vista a seu lado. Tampouco havia luzes no campo, que ele não podia ver, mas imaginava ser formado só por florestas. Estava satisfeito de ter o carro entre si e as matas e murmurava sua música entre os dentes pensando no café da manhã dali a uma hora, ao mesmo tempo que curtia seu bem-estar, bastante desperto, firme — na escura cabine de piloto de seu navio, enquanto os passageiros dormiam. Estava satisfeito de ter deixado o caroneiro para trás, satisfeito com o amor da esposa e o senso de humor da filha.

Era um motorista orgulhoso e com certa tendência a sentir-se superior. Tentava manter-se o mais próximo possível dos cem quilômetros por hora. Num morro alto ele alcançou dois pares de lanternas traseiras que, lado a lado, bloqueavam as duas faixas à frente. Um carro tentava ultrapassar o outro, mas

não conseguia tomar a frente, e Tony teve de reduzir a velocidade. Ocupou a faixa da esquerda atrás do carro que tentava fazer a ultrapassagem.

— Vamos, vá em frente — resmungou, pois também podia ser um motorista impaciente.

Então lhe veio à cabeça que o carro da esquerda podia não estar tentando ultrapassar, mas sim que o motorista podia estar batendo papo com as pessoas do outro carro, e, de fato, os dois veículos estavam reduzindo ainda mais a velocidade.

Puxa vida, bloquear a estrada desse jeito. Era um de seus princípios virtuosos jamais tocar a buzina, mas daquela vez buzinou de leve, um toque bem ligeiro. O carro à sua frente disparou. Ele seguiu, ultrapassou o da direita e tomou a faixa da direita outra vez, sentindo-se um pouco envergonhado. O carro lento ficou para trás. O da frente, o que tinha avançado de repente, reduziu a velocidade outra vez. Ele achou que o motorista estava aguardando a chegada do outro carro para retomar a conversa e tomou a faixa da esquerda a fim de fazer a ultrapassagem, mas o carro da frente deu uma guinada para a esquerda para bloquear seu caminho e ele teve de pisar fundo no freio. Sentiu um choque quando se deu conta de que o motorista do outro carro estava querendo fazer alguma brincadeira com ele. O carro reduziu ainda mais a velocidade. Ele notou os faróis do terceiro carro no espelho retrovisor lá atrás, ao longe. Evitou buzinar. Estavam andando a cinquenta quilômetros por hora. Resolveu ultrapassar pela faixa da direita, mas o outro carro deu outra guinada e ficou na frente dele outra vez.

— Opa — disse ele.

Laura se mexeu.

— Estamos numa encrenca — disse ele.

Agora o carro da frente tinha acelerado um pouco, mas continuava bem devagar. O terceiro carro continuava lá atrás. Ele buzinou.

— Não faça isso — disse Laura. — É o que ele quer.

Deu uma pancada no volante. Refletiu um momento e respirou fundo.

— Segure firme — disse ele, apertou fundo no acelerador e virou bruscamente à esquerda. Dessa vez ele passou. O outro carro buzinou e ele seguiu depressa.

— Crianças — disse Laura.

No banco de trás, Helen falou:

— Bando de idiotas.

Ele nem sabia que a filha estava acordada.

— A gente se livrou deles? — perguntou Tony. O outro carro vinha atrás, a uma pequena distância, e ele se sentiu aliviado.

— Helen! — disse Laura. — Não!

— O que foi? — perguntou Tony.

— Ela mostrou o dedo para ele.

O outro carro era um Buick grande e velho com o para-lama esquerdo amassado, escuro, azul ou preto. Tony não tinha olhado para ver quem estava dentro do carro. Estavam se aproximando dele. Tony acelerou, chegou a cento e trinta quilômetros por hora, mas os faróis continuavam próximos, colados à sua traseira, quase tocando em seu carro.

— Tony — disse Laura em tom calmo.

— Ah, meu Deus — disse Helen.

Ele tentou andar mais depressa ainda.

— Tony — disse Laura.

O outro carro continuou perto dele.

— E se você dirigisse em velocidade normal? — perguntou ela.

O terceiro carro tinha ficado muito para trás, os faróis sumiam nas curvas e reapareciam após um longo intervalo nos trechos retos.

— Mais cedo ou mais tarde eles vão ficar de saco cheio dessa história.

Tony reduziu a velocidade até os cem quilômetros por hora, enquanto o outro carro continuava tão perto que ele nem conseguia ver os faróis no espelho retrovisor, só a luminosidade. O carro começou a buzinar, em seguida desviou a fim de fazer a ultrapassagem.

— Deixe que passe — disse Laura.

O carro se pôs ao lado deles, andava mais depressa quando Tony acelerava e mais devagar quando ele reduzia a velocidade. Dentro do carro havia três sujeitos, ele não pôde enxergar muito bem como eram, só o cara na frente, no banco do passageiro, que usava barba e sorria para ele.

Então Tony resolveu dirigir em velocidade constante de cem quilômetros por hora. Não dar atenção a eles, se possível. Os caras deram uma fechada na frente dele e reduziram a velocidade, forçando-o a também reduzir. Quando tentou fazer a ultrapassagem, deram uma fechada para a esquerda a fim de impedi-lo. Tony deu uma guinada para a direita outra vez e eles o deixaram emparelhar o carro. Em seguida avançaram e ficaram andando em zigue-zague entre as duas faixas. Então foram para a faixa da direita como se o convilhassem a fazer a ultrapassagem pela esquerda, mas, quando Tony tentou, eles o

fecharam e bloquearam seu caminho de novo. Num ímpeto de raiva ele se recusou a desistir e houve uma ruidosa explosão metálica e um solavanco e ele soube que havia batido no carro deles.

— Ah, merda! — disse ele.

Como se tivesse se machucado, o outro carro recuou e o deixou passar. Bem feito, disse Tony, foram eles que pediram, mas ah, que merda, também falou, e reduziu a velocidade, perguntando-se o que fazer, enquanto o outro carro reduzia a velocidade atrás dele.

— O que você está fazendo? — perguntou Laura.

— Temos de parar.

— Pai — falou Helen. — A gente não pode parar!

— Batemos no carro deles, temos de parar.

— Eles vão nos matar!

— Estão parando?

Tony estava pensando em fugir do local de um acidente, imaginando se o acidente com o carro deles iria deixá-los sóbrios, se era seguro supor tal coisa.

Então obedeceu a Laura. Apesar do orgulho que tinha de suas virtudes, em geral ele confiava na esposa com relação a questões morais mais difíceis e ela estava dizendo:

— Tony, por favor, não pare.

A voz dela era vagarosa e calma e ele iria recordar-se daquilo por muito tempo.

Então continuaram em frente.

— Você pode pegar a próxima saída da estrada e dar parte do fato à polícia — disse a esposa.

— Anotei o número da placa deles — disse Helen.

Mas o outro carro estava atrás dele de novo, vieram rugindo para o lado dele pela esquerda, o cara com a barba estava esticando o braço para fora da janela e acenando ou brandindo o punho ou apontando, e estava gritando, e o carro foi para a frente dele e deu uma guinada, estreitou sua faixa e tentou forçá-lo a ir para o acostamento.

— Deus nos ajude — disse Laura.

— Bata no carro deles — gritou Helen. — Não deixe que façam isso, não deixe!

Tony não pôde evitar mais um choque, leve, com um barulho de trituração de encontro ao lado esquerdo da frente de seu carro. Ele sentiu o estrago causado e ouviu algo chocalhando, sentiu algo sacudir seu volante, enquanto o outro carro o obrigava a reduzir a velocidade. O carro tremeu como se

mortalmente ferido e ele desistiu, foi para o acostamento e preparou-se para parar. O outro carro parou na frente dele. O terceiro carro, o que tinha ficado bem para trás, surgiu de longe na estrada e se aproximou em alta velocidade.

Tony Hastings parou a fim de abrir a porta, mas Laura tocou em seu braço.
— Não saia — disse ela. — Fique no carro.